ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Posse do Acadêmico

ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

(Ocorrida na noite do dia

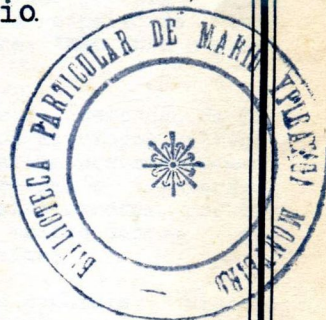
03 de dezembro de 1993)

+

Discurso do recipiendário

e saudação do

Acadêmico

JOSÉ BERNARDO CABRAL

Manaus-AM

Senhores Acadêmicos:

Ao iniciar o preparo desta fala, por determinação estatutária da Academia, a fim de dizer a que vim e porque me candidatei à cadeira nº 35, que tem como patrono a figura excelsa de Dom Frederico Costa, confesso que hesitei longamente sobre o que deveria dizer a este plenário.

Sabia eu que embora fosse encontrar aqui apenas amigos, prontos para perdoar as eventuais falhas decorrentes e relevar dos meus apoucados méritos literários, a responsabilidade a mim atribuida pelas circunstâncias, era muito grande, imensa mesmo. A condescendência dos ouvintes não poderia servir de argumento para me fazer esquecer o fato de que aqui me encontraria por uma decisão unânime de pessoas letradas e notoriamente sábias que acreditaram em mim e de cuja constelação logo estaria eu participando.

Admito que a transcendência da responsabilidade a mim atribuida pela empreitada, chegou por alguns momentos a entibiar-me o raciocínio, na busca de palavras que expressassem tudo quanto desejava eu dizer, com a ressonância que este vetusto plenário está acostumado. Senti-me até momentaneamente inapto, com os pensamentos tartamudeando expressões que o meu senso crítico dizia estarem aquém, muito aquém, das exigências solenes deste ato.

Foi quando um espírito bondoso, dos muitos que hoje habitam o castelo das minhas amadas recordações, soprou-me ao ouvido, em súbita inspiração, a lembrança da fábula de Apelles, aprendida ainda na infância. E lembrei-me então do que o escultor grego dissera ao sapateiro anônimo que, diante de um trabalho seu, na véspera, criticara alguma coisa em uma das sandálias esculpidas por ele e que, naquele instante, tentava expender uma opinião a respeito da toga envergada pelo personagem reproduzido em mármore: **"NÃO SUBA O SAPATEIRO ALÉM DAS SANDÁLIAS"**.

Por que então deveria eu, que sempre tive na aceitação da filosofia apelleana um meio de tocar a vida sem os alvoroços criticáveis de querer ser quem não sou, pretender alçar-me pretensiosamente ao patamar de onde promanam lições de rara beleza e irreparável lirismo literário prelecionadas entre estas quatro paredes, por luminares que ainda hoje aqui se encontram e por muitos outros que as Parcas já convocaram para a travessia do Estige?

Refleti, então: quem sou eu, além daquele rapazola bisonho que em 1945, em um dia qualquer, entrou destemerosamente na redação do "Jornal do Comércio", pedindo um emprego ao grande mestre do jornalismo amazonense que foi Herculano de Castro e Costa, e ali iniciou uma caminhada que perdura até hoje? Nada além de um homem que chega aos 64 anos de idade com a plena sensação do dever cumprido, desprovido de qualquer ambição, alguém que procurou honrar os postos públicos que lhe foram confiados, sempre buscando servir ao estrito cumprimento do dever e da honra, e que fez do jornalismo a sua vida, o seu amor, a sua profissão, a sua alegria, os seus queixumes, os seus momentos palpitantes, o seu destino profissional sobre este orbe de resgates, sofrimentos e premiações.

Um homem comum, afinal, como tantos outros.

Falaria, pois, apenas como o jornalista que sempre fui e sou, com a honrada franqueza dos bons repórteres que escrevem para o público e sabem que serão cobrados por ele, se mentirem.

Escreveria sim, apenas uma grande reportagem, onde o personagem seria eu próprio. E assim o fiz.

Parti da minha crença de que, ao se aproximar do ápice de sua existência, o homem não tem o direito de mentir, nem mesmo para se mostrar modesto. Assim, posso lhes dizer, queridos amigos, que devo tudo quanto conquistei na vida à minha condição de homem de imprensa, porta por onde ingressei em variados setores da vida pública na terra em que nasci, enriquecido daqueles conhecimentos hauridos na experiência de dias e noites transcorridos nas redações dos jornais em que trabalhei neste quase meio século de labor profissional, tanto em Manaus como no Rio de Janeiro, onde passei um sofrido decênio de minha existência, auto-exilado do meu torrão natal.

Foi nesse cadinho borbulhante de idealismo que fundi o entranhado amor que dispenso ao meu País, ao meu Amazonas e à minha gente e onde, em longo e cotidiano aprendizado de civismo, recebi as lições de dignidade, decência e respeito aos direitos alheios, que sempre nortearam a minha vida.

Não abrigo, nem de leve, a estultice de imaginar a minha pessoa obtendo outra projeção que não seja aquela nascida dos méritos a mim atribuídos em função dos textos que elaborei e que foram publicados nos muitos jornais pelos quais passei, sempre buscando oferecer aos que me liam a essência de um caráter e de uma moral plasmados na forja de uma educação que me ensinou: **respeita o teu semelhante como gostarias de ser respeitado.**

Foi com esse conhecimento da vida que me permiti buscar na Faculdade de Direito, as luzes de uma carreira jurídica que nunca deslanchou, pois a nau dos meus sonhos jamais navegou além das águas, ora mansas, ora procelosas, do mar de Gutemberg, do qual não me afastei nem mesmo quando a amizade fraternal de um companheiro de juventude e de estudos, o iluminado a quem Deus e o povo entregaram, por três vezes, o nobilitante encargo de conduzir os destinos do Amazonas, o meu amigo e irmão Gilberto Mestrinho, convocou-me para funções outras que pouco tinham a ver com a vivência febricitante das redações.

Ainda na vida pública ascendi por algumas vezes - e posso dizer, sem deméritos -, à suprema curul governamental, em substituição àquele amigo, o que foi um até hoje inesquecível deslumbramento para o menino nascido no Alto de Nazaré, que teve como pai um homem que carregava bagagens alheias no cais do porto, e como mãe uma heroína que ajudava no sustento dos filhos lavando as roupas de outras famílias, o menino que só conseguiu estudar à sombra protetora de um padrinho generoso que se tornaria seu pai adotivo.

Na Assembléia Legislativa do meu Estado, eleito e reeleito por três vezes, até ver o meu mandato interrompido pela decisão atrabiliária de um momento nacional de arbítrio, ocupei todos os cargos possíveis de um representante popular, inclusive a presidência da Casa, o que fez de mim, à época, Vice-Governador constitucional do Amazonas. Também passei pela Câmara Federal, nesta de

modo efêmero, pois apenas cumprindo convocações regimentais, na minha condição de suplente. Honro-me, no entanto, em proclamar, sem qualquer vitupério, estar convicto de que jamais poderia ser encontrado no meio de alguma matilha faminta de hienas, como a que nesta hora rafeiros a serviço de uma moralidade que parece despertar no Congresso, tentam acuar nas malhas de uma C.P.I.

Contudo, não são apenas registros motivadores de alegrias que povoam a existência que tracejo nesta reportagem quase autobiográfica, numa tentativa de estabelecer melhor comparação entre as minhas origens modestas e o salto qualitativo que este Silogeu me proporciona, alçando-me às culminâncias da companhia de homens e mulheres que honram, pelo talento, pela inteligência e pela cultura, as letras das terras glebárias. Sofri também momentos de amargura, felizmente logo transformados pela minha sólida formação espiritualista, em lições de bem viver e razões a contribuir para o que hoje chamo de plena conciliação comigo mesmo.

Certa ocasião, após os eventos de 1964, alguém me perguntou se eu não pretendia escrever a respeito dos dias por mim vividos em uma prisão militar, aqui mesmo em Manaus, após a perda do meu mandato de Deputado Estadual e do meu apeamento da presidência de um partido político então majoritário no comando da administração do Estado. Respondi àquele amigo que "memórias do cárcere" havia muitas, mas que Graciliano Ramos só existira um. Daí, quase nunca haver tocado nisso em meus escritos.

Não que eu considere aquele período de minha vida como indigno de ser recordado. Pelo contrário. Carrego comigo, daqueles 128 dias amargados em uma prisão, por ordem de militares, sob a jamais comprovada acusação de ser eu um subversor da ordem pública, ricas recordações. Ali convivi com homens de valor, granjeei novos conhecimentos com a ajuda de pessoas cultas e experientes, e reforcei a minha hoje inabalável crença de que tudo quanto ocorre em nossas vidas tem a sua razão de ser nas determinantes traçadas em existências anteriores.

Foram dias de aprendizado, um período que, longe de envergonhar, dá-me a cada dia que passa, a cada ano vivido, a certeza de que Deus quis ali me proporcionar lições para que eu me fizesse mais humilde, suportasse as ofensas sem odiar o ofensor e - supremo benefício -, aprendesse a perdoar.

Perguntareis: foram 128 dias de vida perdidos? E eu responderei que não. Nada mais eles significassem e ainda assim seriam para mim galardões existenciais, confirmados pela posterior absolvição unânime por um tribunal militar, atestando que minhas ações como jornalista e político, desde 1945 até o ano da chamada revolução militar, nada tiveram de subversivos e foram, isto sim, posicionamentos corretos, comprobatórios da minha seriedade, do meu idealismo e do meu desejo de dar a minha participação à melhoria da vida nacional. Para mim aqueles dias são condecorações apostas em meu peito, como reconhecimento pelas lutas coerentes das quais participara, nos meus tempos de estudante, catando metais para a guerra; apoiando a remessa de tropas brasileiras às lutas na Europa; pugnando pela redemocratização no após-guerra; quebrando lanças em favor do monopólio do petróleo; trabalhando pelo advento da Petrobrás; enfrentando batalhas em defesa dos minerais radioativos que

se pretendeu entregar a preços vís; brigando pela salvaguarda dos direitos dos trabalhadores, escrevendo em defesa da sobrevivência dos povos submetidos a selvagens explorações pelos países mais ricos; pelejando pela maior participação do Brasil no campo democrático, todos aqueles atos, enfim, que compõem a saga de uma geração que se entregou de corpo e alma à defesa de causas que, pela ousadia de seus postulados, chegaram a ser confundidas com ações extremistas, mas que vistas hoje, à distância, mostram que eram posicionamentos idealistas e concorreram para melhorar este País em algumas coisas.

O PATRONO

Cumpre-me, pelas normas estatutárias, discorrer sobre a figura de Dom Frederico de Souza Costa, Pastor católico que, na condição de Bispo do Amazonas, nos primeiros quartéis deste século, na sucessão de Dom Lourenço da Costa Aguiar, veio para Manaus e aqui iniciou uma vivência de grande fulgurância, tanto no campo eclesiástico como no das letras.

Faço-o com o espírito animado pelo desejo de que as minhas pesquisas a respeito dessa excelsa figura, tragam em si a marca da mais honesta exatidão, até porque é aquela vida do conhecimento de vários dos que convivem há muitos anos nesta Casa e que poderão, justamente por isso, detectar senões nesse trabalho em que busquei ser o mais fiel que me foi possível às fontes a que recorri.

Dom Frederico Costa, patrono da Cadeira nº 35 deste Sodalício que doravante terei a honra de ocupar, viu as luzes do mundo pela primeira vez no dia 18 de outubro de 1876, em Vila de Boim, no Estado do Pará, sendo filho de Marciliano Macedo Bahia e Costa e de Tomásia de Souza Gonçalves.

Vencendo as primeiras dificuldades do conhecimento das letras ainda na cidade de Soure, aos 10 anos de idade já se via matriculado, com tanto sucesso que sempre alcançava os primeiros lugares nas turmas a que pertencia, no Seminário do Carmo, em Belém, onde, pela desenvoltura com que lidava na difícil arte do conhecimento da língua mater, ainda aluno seria alçado à condição de professor de Português.

Sob a proteção de Dom Gregório Coelho, Bispo do Pará à época, que lhe percebeu o valor intrínseco, ele seria expedido mais tarde para a Cidade Luz, onde passou a estudar no Seminário de São Sulpício. Em Paris, Frederico Costa continuou se notabilizando pela sua extrema dedicação aos estudos, o que lhe valeu a admiração de colegas e mestres. Ainda no Seminário recebeu as Ordens Menores.

Quando o século já anunciava os seus últimos anos, em 1896, deixou ele a França, seguindo para Roma, Itália, onde passou a frequentar o Colégio Pio-Latino-Americano, assim como se tornou aluno da não menos famosa Universidade Gregoriana. Sempre brilhante nos estudos e inteiramente devotado à sua vocação religiosa, ali receberia, no ano de 1899, aos 23 anos de idade, o título de Doutor e a sua ordenação como Sacerdote.

De volta a Belém, celebrou na Basílica de Nazaré a sua primeira

e comovente missa. Sua estrela ascendente continuou com pleno brilho, e ei-lo sucessivamente exercendo as funções de professor de Teologia no Seminário Maior de Belém; de Capelão do Presídio de São José, assim como do Orfelinato Paraense, do Hospital dos Alienados e da Beneficente Portuguesa. Foi, ainda, Secretário da Cúria Diocesana e coadjutor e vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré. Suas atividades, no entanto, não se limitavam à área religiosa, pois vamos encontrá-lo, naqueles anos, como partícipe de várias bancas examinadoras em concursos públicos para postos na vida secular, e revelando destacados dotes de cultura e saber, como membro de um Congresso de Pedagogia realizado na Capital do Pará.

Sua eleição para Bispo do Amazonas foi encontrá-lo como prelado na cidade de Santarém, de onde viajou para Roma e onde foi sagrado Bispo pelas mãos do Cardeal Gotti, assistido pelos brasileiros Dom Francisco do Rego e Dom Antônio Sixto Albano.

Tornava-se ele, naquele instante, com menos de 30 anos de idade, detentor do título de o Bispo mais novo do mundo!

Sua chegada a Manaus, em junho de 1907, foi marcada por grandes homenagens a ele prestadas pelo governo e pelo povo, oportunidade em que lançou, em discurso de agradecimento, as bases do que seria a sua ação sacerdotal:

> **"O que devo afirmar é que o novo Bispo desta diocese outra coisa não deseja senão a grandeza e a prosperidade do Amazonas; há de trabalhar para esse fim, procurando seguir os passos de seus gloriosos antecessores."**

Durante os seis anos em que permaneceu à frente desta gigantesca diocese, ele haveria de cumprir a sua promessa, realizando autênticas romarias pias em que buscou conhecer ao vivo como era a existência daqueles que labutavam nos ermos do **hinterland** amazonense. Percorreu nessa missão humanitária e fraterna, os rios Negro, Madeira e Purus, recolhendo impressões de comovedora acuidade, que registraria em Cartas Pastorais nas quais exaltou o papel que a Igreja Católica deveria exercer, em solidária conexão com as gentes que ali viviam, para a sua melhoria moral.

Cito apenas alguns poucos fragmentos desse trabalho que, pela sua profundidade e extensão, consumiria páginas e mais páginas de análise, se enfocado fosse em sua globalidade, mas que bastam para registrar de forma definitiva, os sentimentos de fraternidade e solidariedade humana que marcam aquelas observações e, por via de aplicação posterior, as determinações de Dom Frederico Costa.

Como, por exemplo, a prova de sua indignação e revolta contra o modo como eram tratados os índios na região do rio Negro, o que, por sinal, diante de fatos recentes, parece ter mudado muito pouco:

> **"Alguns negociantes chegam à maloca de rifle em punho, não pedem, e quando não se lhes dá por bem o que querem, tiram à força. Matam os animais, roubam as provisões. São verdadeiros salteadores. E muitas vezes agarram à força as índias donzelas. Embriagam os pais e desonram as filhas. Viajam com um garrafão**

de cachaça debaixo da tolda da canoa; para ali atraem os incautos, homens e mulheres, e praticam ações que a pena recusa-se a escrever. Exigem serviços forçados aos pobres homens e dão como pagamento bugigangas, ou, na melhor hipótese, uma calça ou uma camisa. Agarram-nos à força muitas vezes, amarram-nos no fundo da canoa e surram-nos tão barbaramente que só nos tempos antigos da escravidão romana podemos encontrar exemplo."

Dom Frederico Costa foi, como se pode ver, um pioneiro neste século, da moderna causa de defesa do desventurado índio amazônico.

Nas Cartas Pastorais do ilustre prelado se inclui o que se poderá, com plena propriedade, chamar-se de sua obra literária, tão vasta e tão escorreita que chegou a ser divulgada no exterior. Como por exemplo a produzida após a sua viagem ao rio Negro, que foi editada na imprensa pontifícia do Instituto Pio IX, de Roma, em 1907. Chamou a atenção de todos o registro que ele fez, de que a situação naquela área brasileira era tão contristadora que se chegava ao ponto de ouvir ali mais o castelhano do que a língua portuguesa, sendo esta quase desconhecida, até mesmo por parte dos nordestinos ali fixados, que melhor se desempenhavam no idioma espanhol !

Tantos e tão valiosos esforços em prol do cumprimento da promessa que fizera, de se empenhar ao máximo pela "grandeza e prosperidade do Amazonas", lhe valeram não apenas a admiração dos filhos desta terra, que nele tiveram, sem qualquer dúvida, o autor de um riquíssimo acervo de informações sociais de enorme valor espiritual, como também lhe tornaram propícia a infestação física de doenças graves.

Após meia dúzia de anos de abnegado labor cultural e espiritual em favor dos seus semelhantes, Dom Frederico Costa adoeceu gravemente e, desprovido de recursos maiores imprescindíveis à sua cura, prometeu a Deus, em troca do seu restabelecimento físico, a renúncia à sua diocese e às suas naturais honrarias. Sua promessa final foi a de tornar-se monge.

Curado, ou assim pensando que estivesse, procurou cumprir o que prometera, tendo de lutar muito contra a oposição dos seus confrades, que não viam porque devesse a Igreja abrir mão do seu trabalho meritório; porém Dom Frederico Costa resistiu a essas ponderações, partindo em 1913 para Roma, a fim de ali defender, pessoalmente, os seus pontos de vista. O Papa Pio XI, conhecendo o valor moral que a vida ativa da Igreja perderia com a saída do Bispo, tudo fez para dissuadí-lo, o que se mostrou infrutífero, e terminou por aceitar a devolução da Mitra, concedendo a Dom Frederico o título de Bispo de Tubuna **"in partibus infidelium"**.

O ex-Bispo do Amazonas ingressou então na Ordem de São Romualdo, tornando-se monge Camaldulense, sob o nome de Frei Arsênio, num convento em Nápoles.

A vida enclausurada de 14 anos que então se seguiu, terminaria por minar-lhe ainda mais o organismo e, por ordem do Papa, depois de recusar as comodidades de uma prelazia na Basílica de São Pedro,

ingressou no noviciado da Ordem dos Carmelitas Descalços, sendo então designado para atuar em um convento, na Palestina. Como a sua saúde não melhorasse, foi transferido para Barcelona, na Espanha, em 1934, e ali viveria todos os sustos possíveis da perseguição ao clero, que ocorreu naquele país durante a Guerra Civil.

Refugiado na Itália, com a ajuda da diplomacia brasileira, ainda retornaria mais tarde à Espanha, em tempos mais calmos, para viver, combalido pelas doenças, até o dia 26 de março de 1948,quando sua alma adejou para mais um remígio de aperfeiçoamento no espaço.

O ANTECESSOR

Tivesse eu a versatilidade do dizer feéricamente erudito de Mário Ypiranga Monteiro, que na sua saudação ao acadêmico Agenor Ferreira Lima, quando de seu ingresso nesta Academia, gizou de modo incomparável a figura e a personalidade deste que foi o meu antecessor na cadeira nº 35 deste Sodalício, é claro que daqui resultaria uma similar obra-prima de fino lavor literário.

Meus conhecimentos com aquele a quem sucedo, no entanto, não passaram de alguns parcos contatos em que ele, examinador nas bancas de latim do Colégio Estadual do Amazonas, nos arguia, a mim, a Gilberto Mestrinho, a Phelippe Daou, a Raul Mendes, a Roberto Cohen, a Sandoval e José Júlio Oliveira, a Miguel Deolindo Oliveira, a Hélio Silveira, a Jorge Teixeira, a Ramiro Silveira, a Silas Bento Rodrigues e aos demais colegas da nossa velha turma, sobre os nossos vasqueiros conhecimentos da língua latina, ministrados pelo bondoso Cônego Monteiro.

Não lhe desconheço, no entanto, pelas referências escutadas nos meios culturais de Manaus, os grandes méritos de linguista,calcados em uma sólida cultura, clássica inclusive, adquirida no seminário e esbanjada com munificência em primorosos escritos, como por exemplo o seu maravilhoso discurso de posse. E por isso mesmo porque admita os meus parcos conhecimentos da vida desse intelectual que tanto deu de si à inteligência amazonense, e que ajudou a preparar tantos que hoje brilham no firmamento da cultura glebária, é que me valerei do próprio Mário Ypiranga Monteiro, meu antigo mestre de Geografia no C.E.A., para repetir, a respeito de Agenor Ferreira Lima o que a sua memória merece:

> **"Não é certo ser a tarefa do intelectual desprovida de interesse coletivo nem esquecida ou irrecompensada, a menos que circunstâncias especiais favoreçam o esquecimento, mas nunca a função heróica do gesto. Mesmo que a planta não medre, perdura a solenidade do gesto, o eco da palavra criadora, a emoção interior de haver cumprido uma tarefa, assumindo uma atitude, contribuído para o bem estar de um só ou de muitos. Cabe ao homem, a cada homem em particular, moldar e modelar sua vida, eleger seu itinerário, escolher seus caminhos, orientar seu destino. A recompensa virá, a recompensa de toda luta espiritual é a alegria de sermos**

compreendidos, de sermos lembrados. Uma tradição conta de Homero que ao expirar dissera - "Não morrerei de todo"."

Corroborando o brilhante orador que em 1981 saudou desta mesma tribuna o meu saudoso antecessor, eu lhes direi, repetindo, aliás, as palavras do vulcaniano Mr. Spock, no filme "Jornada nas Estrelas": -"O homem só está realmente morto quando não é mais lembrado".

O AMIGO

Um conjunto de circunstâncias para mim extremamente felizes, entregou o encargo de tapizar a minha entrada nesta Casa com expressões cariciosas aos meus ouvidos e à minha alma, ao talento cultural e à generosidade de um velho amigo, talvez mais do que um amigo, um irmão sincero e bondoso, capaz de enunciar por todos os votos de boas vindas que os senhores Acadêmicos apresentam a este recipiendário: José Bernardo Cabral.

Meu companheiro de andanças em dias menos calmos e democráticos que os de agora, temos vivido enquanto os anos se encarregam de polvilhar de cãs os nossos cabelos, na comunhão de uma fraterna amizade, momentos comuns de um relacionamento amalgamado por gestos de recíproca lealdade e de profundo respeito mútuo.

Por isso mesmo, brota do mais íntimo do meu ser, a alegria de ser saudado por ele e de poder discorrer sobre a sua pessoa, como ora o faço, em traços que falam por mim com a transparente franqueza do meu sincero apreço.

Resultado de uma amizade que começou entre mim e seu pai, o velho e querido Andorinha, pude acompanhar a sua bela trajetória, às vezes próximo, às vezes distante, desde quando ele, muito moço, ainda cursando as etapas finais da Faculdade de Direito, pisou ousadamente na tribuna do júri para auxiliar na acusação ao homem que imolara a vida de um irmão seu.

Ao longo do tempo, vivemos o ombro a ombro de atividades comuns e cotidianas, como as de acadêmicos de Direito e, mais tarde as de deputados estaduais na Assembléia Legislativa de nossa terra comum, o Amazonas, e no mesmo grupo partidário.

Na seara fecunda da advocacia nunca nos encontramos, até porque, engolfado e vivendo com paixão as lides da imprensa, eu jamais senti atração maior pelos encantos de Themis, enquanto que ele, estimulado pela necessidade de sobreviver, após a cassação do seu mandato de deputado federal, em 1968, iniciava penosa, porque pobremente, uma formosa carreira jurídica que jamais sofreria qualquer desdouro. Nesse metier onde triunfam realmente os que fazem da prática da justiça um sacerdócio, ele atingiu culminâncias dificilmente alcançáveis por outro amazonense: membro, como orador oficial, da diretoria do Instituto dos Advogados Brasileiros; Secretário-Geral e, posteriormente, com notável atuação, presidente nacional

da Ordem dos Advogados do Brasil, onde deixou marcas indeléveis de sua passagem, num período difícil para a normalidade jurídica do País; relator na Assembléia Nacional Constituinte e, seguidamente, relator da Constituição de 1988, num trajeto de cintilações que teria seu apogeu quando ocupou o alto cargo de Ministro da Justiça.

Tudo isso, diria eu, a estruturar-lhe um **curriculum vitae** magnífico, que lhe assegura plenos merecimentos para aspirar qualquer função neste País, que exija do seu ocupante capacitação, probidade e experiência nascidas do cumprimento do dever além de todas as expectativas.

Tivemos, eu e ele, um grande e saudoso amigo comum, o mavioso poeta J.G. de Araújo Jorge, de quem evoco um belo poema social em que ele diz a um analfabeto e ignorante, estas palavras:

> **"..............................**
> **..............................**
> **Tu que vives à tona e não olhas o fundo**
> **Indiferente à estranha multidão dos seres**
> **às tragédias da vida... e aos horrores do mundo...**
> **Tu que estás encerrado numa eterna infância,**
> **- não sei se te aconselhe a ler, para sofreres,**
> **ou se bendiga e inveje essa tua ignorância..."**

E por que fiz essa transcrição ? Exatamente para estabelecer uma analogia entre a pergunta do poeta e o crucial momento ora vivido pela cidadania brasileira, diariamente vergastada na cara pelo chicote da revelação de fatos deletérios da mais horrenda e deslavada corrupção, indicadores de que é mais purulenta do que se pensa, a degenerescência moral que infecta o organismo das estruturas nacionais de governo.

Bernardo Cabral, que chegou a recusar uma acomodação vitalícia no Supremo Tribunal Federal, por lhe parecer a aceitação da oferta uma nota dissonante na harmonia da folha dos serviços por ele conquistados e prestados à sua Pátria, haverá de compreender o porque desse meu gesto para com a memória do nosso saudoso J.G. de Araújo Jorge.

Primeiro porque evoca um amigo e, em seguida, porque nos oferece o ensejo de aprofundar reflexões sobre um tema palpitante; é melhor ignorar o mal para não sofrer com ele, ou conhecê-lo amplamente para melhor poder-se combater-lhe as causas ?

Fico com a segunda alternativa, embora com isso o meu dia-a-dia se veja sobrecarregado pela vergonha de saber-me vítima quase inerme de assaltantes do erário público, de homens nanicos de ética e dignidade, que da espécie humana têm apenas a forma, porque capazes de se apossar, sem remorsos, de recursos que minorariam a situação e até salvariam a vida de seres desvalidos e carentes de tudo.

Não devemos vacilar nos protestos contra isso. Calar agora seria cumplicidade. É preciso evocar Disraelli, por sinal muito citado recentemente, segundo quem: **"Este País só encontrará seus verdadeiros caminhos, quando os homens de bem tiverem a mesma audácia**

dos canalhas". É claro que Disraelli se referia à Inglaterra, mas o dito cai a talho de foice no Brasil em que vivemos.

Peço desculpas a este pretório de letrados pela veemência de minhas palavras, manifestada através de algumas expressões que talvez hajam ecoado, em dado momento, em dissonância com os tons harmônicos a que este plenário está acostumado, mas interpreto o grito de indignação preso na garganta de todos os brasileiros, que neste instante sombrio vivido pela cidadania, precisa ser liberado em toda e qualquer oportunidade que surja.

A tribuna deste Silogeu, bem o sei, talvez não seja adequada para isso, pois não é e jamais será palanque político, mas nesta hora, pela força da indignação que freme no meu peito, eu a vejo transformada em púlpito cívico onde soa uma voz que, espero, não fique isolada, a ela juntando-se outras e outras, formando um clamor que possa retumbar até nos ouvidos de Deus, pedindo-lhe paz para o Brasil e castigos infinitos para os seus maus filhos que lhe enxovalham a moral e lhe conspurcam a dignidade.

AGRADECIMENTO

Encerro estas palavras, ditas com uma eventual inexperiência acadêmica, que em alguns instantes pode ter chegado às raias da inconveniência, pelo que ne desculpo perante todos os amigos presentes, com um agradecimento profundo ao presidente desta Casa, acadêmico Oyama César Ituassu da Silva, na pessoa de quem centralizo meu reconhecimento aos senhores acadêmicos pela minha aceitação unânime neste Sodalício, o que honra não apenas a mim, mas também aos meus queridos familiares que aqui se encontram.

Meu acesso à Casa de Péricles Moraes tem para mim o significado de um galardão que conservarei, enquanto viver, no relicário das minhas mais sagradas e inestimáveis gratidões.

Muito obrigado.

A saudação ao novo membro da Academia foi feita a seguir pelo seu colega J. BERNARDO CABRAL, que assim discursou:

Acadêmico Arlindo Augusto dos Santos Porto:

A vida, para tantos, é repleta de muitas coincidências e de um não menor número de acasos.

A afirmativa feita em uma sessão solene como esta poderia ser tomada como uma banal frase feita, não fora a riqueza de acontecimentos que a motivam.

A primeira delas é que me coube a tarefa - bela e fácil - de receber-vos como nóvel Acadêmico nesta Casa em que chegais após terdes atingido o sufrágio unânime de seus integrantes. A seguir, outra curiosa coincidência: está a presidir o Silogeu e a esta solenidade o nosso Professor Catedrático da Faculdade de Direito - já lá se vão mais de trinta anos - o mestre Oyama César Ituassú.

Por que falo em coincidências ou em acasos? É que estou a relembrar o jovem contemporâneo do outrora Ginásio Amazonense Pedro II - o nosso Colégio Estadual do Amazonas - ativo, irrequieto, produtivo, que com apenas 15 anos de idade era o redator-chefe e ilustrador do jornalzinho "O Debate", local em que iniciastes a vossa real vocação.

Relembro, ainda, o colega da Faculdade de Direito do Amazonas, curso que concluímos juntos, para listar mais um ponto do Acaso. Ademais - outra coincidência ? - companheiros do mesmo partido político, nos elegemos deputados estaduais, acabando vós por chegar ao mais alto cargo do Estado, o de Governador, pela via legítima da substituição, eis que exercíeis as funções de Presidente da Assembléia Legislativa, consideradas, então, como as de Vice-Governador.

Depois - outro acaso ? quem sabe - ambos tivemos cassado o mandato parlamentar e a suspensão dos nossos direitos políticos por 10 anos. Vós, como deputado estadual, por uma decisão que cobriu de opróbrio a Assembléia Legislativa do Estado e eu, como deputado federal, por um édito arbitrário, incompatíveis as duas medidas com a chamada dignidade dos direitos humanos.

Bem antes - nova coincidência ? - já tinhamos selado o pacto indestrutível da nossa Amizade, tombada sentimentalmente no patrimônio afetivo de ser eu padrinho de um dos vossos filhos.

Mais tarde - outro acaso, porventura ? - como resultado das cassações e perseguições, acabamos aportando a nossa igarité de caboclos amazonenses no Rio de Janeiro, mas, desde logo, com a antecipada decisão de que não regressaríamos ao torrão natal sem trazermos conosco a glória dos vencedores.

Naquela cidade - denominada de Maravilhosa - voltamos a nos rever amiúde, confidenciando, de vez em quando, um para o outro,as dificuldades que enfrentávamos. Tantas... muitas... imensas, é

verdade. Porém, sem confundir dificuldades com necessidades,já que estas não nos atingiram.

É dessa época que guardo o traço mais forte da lealdade que orna o vosso caráter. E ela - desnecessário sublinhar - é uma linearidade constante na vossa existência.

Éreis, então, o representante de uma empresa que explorava o turismo no Amazonas, e o sócio-majoritário havia entregue a vós o mister de propagar no sul as nossas belezas amazônicas e, assim, atrair visitantes para Manaus. Certo é, que ele visara, com o gesto, mais ajudar ao antigo amigo do que necessitar dos vossos serviços, estes prestados num minúsculo ambiente, improvisado de escritório, do modesto Hotel Nelba, localizado na rua Senador Dantas.

Com a induvidosa pluriaptidão que tendes para as mais diversas atividades vínheis desempenhando a vossa missão com razoável produtividade, mas sem deixar de registrar, vez por outra, com uma ponta de nostalgia, que a paixão era o jornalismo.

Talvez tenha decorrido daí a proposta que formulei para que fôssemos à revista "Manchete" - de aceitação nacional - onde tinha eu dois grandes amigos e dela eram diretores: os jornalistas Murilo Melo Filho e o saudoso Justino Martins, famoso junto aos astros de Hollywood, porque durante mais de vinte anos consecutivos fizera a cobertura do Festival de Cinema de Cannes. E foi com Justino Martins que conversamos sobre a possibilidade de virdes a emprestar vosso concurso profissional à revista.

Ao indagar ele quando voltaríeis preparado para fazer o teste, a vossa resposta foi imediata: AGORA ! E quanto ao tema, a velocidade não foi menor: aquele que for escolhido pela direção da revista.

Impende salientar a perplexidade estampada na face de Justino Martins quando leu a última palavra do vosso texto e a manifestação eloquente, incontida, que se lhe seguiu, de sua ampla aprovação. Dias mais tarde, deve ter sido maior a sua surpresa quando recusastes o convite para integrar o quadro dos redatores da revista, sobretudo levando em conta que o salário oferecido era o mesmo pago pela empresa do Amazonas. Vale dizer: em termos financeiros e de identidade profissional, a solução havia chegado.

Por que recusastes ? Na resposta, a retidão de caráter e a prática continuada de um exercício que é muito vosso: o da gratidão. A mim explicastes que não poderíeis aceitar porque, ao vosso sentir, seria uma falta de reconhecimento ao amigo que vos ajudara no instante de dificuldade maior. E arrematastes: "No meu dicionário pessoal não existe a palavra ingratidão."

Terrível é que, decorrido algum tempo, o destino desferiu um rude golpe contra vós: vem a falecer o vosso amigo, o majoritário da empresa, e o sócio que o substituiu - apesar de ter conhecimento da mútua amizade e do vosso gesto de gratidão - aproveitou-se disso para vos substituir, sumariamente. Assim, desagradável coincidência - estranho acaso - estáveis, mais esta vez, desempregado.

O que durou pouquíssimo. A vossa reação altiva a gesto tão pequeno, infame, perverso, foi a volta ao jornalismo diário, em

matutino de grande circulação no Rio de Janeiro. A mesquinharia daquela atitude resultou na vossa consagração como profissional, a ponto de terdes sido considerado, de certa feita, como um segundo Stanislaw Ponte Preta, muito embora, como realçavam, tivésseis nascido no Norte e demorado muito a emigrar para o Sul.

Com a vitória, começastes a desenvolver o projeto que sempre esteve na vossa mente: o retorno às plagas amazônicas. E agora trazendo convosco, na vossa frente, os louros da vitória, a exemplo do que acontecia com os antigos guerreiros gregos.

Recuperados os vossos direitos políticos, destes sequência em Manaus às lides jornalísticas e voltastes à política partidária, atendendo ao chamado de Gilberto Mestrinho, que precisava dos vossos talentos de organizador para a montagem da máquina eleitoral que o levaria ao governo pela segunda vez. Candidato também, acabastes por ficar numa primeira suplência de deputado federal, em misteriosa ocorrência até hoje não satisfatoriamente desvendada, porque até a contagem do último voto, a todos era certa a vossa eleição.

Por essa época, mais uma coincidência entre nós: quando recuperei os meus direitos políticos, o desembargador José Jesus Ferreira Lopes, então Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, fez questão de fazer a entrega, pessoalmente, no gabinete presidencial, do meu título eleitoral e pronunciar algumas palavras ditadas pelo coração. Alí vos encontráveis, lado a lado, a prestigiar o amigo, como em tantas outras vezes anteriores, seja no Instituto dos Advogados Brasileiros e na Ordem dos Advogados do Brasil.

Temos estado, pois, desde sempre, cada vez mais unidos, a comprovar que a nossa Amizade tem sido e será suficientemente forte para vencer o tempo, suplantar a distância e não temer o silêncio.

Razão por que sou testemunha, mais do que presente, ao longo da existência, para asseverar que conseguistes ultrapassar os mares do jornalismo e destes sequência ao vosso idealismo nato, o qual vos levou à participação das memoráveis campanhas em favor da redemocratização do País, após a Segunda Grande Guerra Mundial; do monopólio da Petrobrás; da batalha travada em relação aos direitos humanos.

Fizestes ver a existência no mundo de um fermento político irrepresável e que a América Latina era pioneira em demonstrar às cúpulas governamentais da terra os ângulos de um espetáculo selvagem, onde as massas sociais são coagidas pela cupidez de algumas oligarquias que, por serem tão superadas, equivalem a um velho ossário político.

Conseguistes provar que o Brasil não deixa de ser um latifúndio nacional, que se espraia na imagem de um mapa humano desenhado pelo pauperismo e que as jazidas minerais convenientemente inacessíveis, em termos genéricos, e os escalões de gente descalça e de faces cavadas pela pobreza, compõem a amarga comédia da contradição.

Tivestes sempre a certeza eloquente de que para se efetuar a desejada mobilização político-social de um povo não basta apelar para seu patriotismo ou para seu interesse pessoal; antes, é necessário, primeiro, formular um ideário de combate em que ele creia;

e, depois, convocá-lo a fim de que interprete, na realidade e por seus próprios meios, aquilo em que crê.

Tendes demonstrado, nossa vossa longa caminhada de idealismo, que sociedade sem idéias de impulsão nem capacidade de ação e opção, é sociedade letárgica, mais vencida do que vencedora. E firmastes a convicção de que para se obter uma vitória, a primeira condição é a responsabilidade, e esta se mede tanto pela dignidade das idéias como das ações.

Assim é que jamais vos submetestes a pressões de interesses particulares contrariados nem a de grupos insensíveis ao interesse público, tendo deixado a política porque tivestes consciência de suas alternativas: ou um mandato glorioso ou o recolhimento ao lar.

Ao abandonardes o palco político, a tempo, verificastes que a política brasileira, na sua grande falta moral de hoje, a ninguém causa apenas impressão de assombro, mas também de profundo desapontamento, a ponto de se poder proclamar que, na artificialidade em que está ela transformada, uma minoria acredita no que diz; um mínimo pensa no que faz e poucos realizam o que propõem.

Quanto às vossas credenciais literárias para mostrar o acerto da escolha dos vossos pares, nada mais óbvio do que o discurso de apresentação, há pouco magistralmente pronunciado, onde sobressai o vosso indiscutível talento e se destaca a vossa densa cultura.

A figura excelsa do vosso Patrono, D. Frederico Costa, 2º Bispo da Diocese do Amazonas, teve o seu perfil traçado com perfeição, sem quebra da mais leve harmonia e sem concessão de qualquer monta. Dissestes, com acerto, da preocupação que teve ele em percorrer as vastidões de sua Diocese, sobretudo pelo Purus, Madeira e Rio Negro, de cujas viagens resultaram expressivas Cartas Pastorais e, também, infelizmente, uma pertinaz moléstia até o fim de sua vida.

Tão bem esmerilhastes a figura do escritor e do ser humano, que a mim nada restou para tecer considerações e, dessa maneira, prestar-lhe as homenagens de estilo.

Senhor Arlindo Augusto dos Santos Porto:

Acerco-me do término desta saudação. Quero fazê-lo invocando as palavras do Presidente Oyama César Ituassú, em solenidade como esta de agora:

> **"A imortalidade a que hoje atingís nada e nada tem com a serena certeza da precariedade da vida humana e ela reflete tão só a presença constante do homem de cultura no corpo de sua coletividade, a apontar o valor de cada um na contribuição que possa dar ao progresso das ciências. Nessa presença, muitas vezes, está a semente de idéias que irão frutificar no decurso dos períodos vindouros e, se não vicejam de pronto porque a sua destinação tem vastidão maior a percorrer, mais**

tarde darão ensejo e agasalho para que se concretizem a favor da cultura."

Poderia eu dizer melhor ?

Por isso mesmo, ao acentuar que vos receber em nome da Academia é mais do que uma honra e um privilégio, assinalo as duas últimas coincidências: a primeira é que, há dez anos atrás, quando ingressei eu nesta Academia, foi o Acadêmico Oyama César Ituassú quem, em belíssimo e inesquecível discurso, me deu as boas vindas. E a outra, é que o Governador então recém-eleito, ausente do Estado, enviou um representante à solenidade de minha posse. E quem era ele? - O mesmo que hoje está à frente dos destinos do Estado e presente à vossa entronização nesta Casa, também através de representante: o Governador Gilberto Mestrinho.

Vêde pois: quantas coincidências.

Será mesmo que tudo isso é obra de acasos ou de coincidências, como dizia eu ao começo desta oração e renovo neste instante ?Será? Não, por certo que não. Prefiro ficar com a assertiva de que "não existem nem acasos nem coincidências; eles não passam de pseudônimos que Deus utiliza quando não quer assinar suas próprias obras."

Ante isso, quando vós salientastes as vossas convicções kardecistas, tive a sensação nítida de que foi Deus quem vos trouxe até aqui, mãos entrelaçadas.

Poderia eu, portanto, finalizar estas minhas palavras com a exclamação habitual em solenidades que tais: Sede benvindo, Acadêmico Arlindo Augusto dos Santos Porto.

No entanto, é Nele amparado que corrijo a frase. ELE faz com que eu queira, possa e deva corrigí-la. Direi simplesmente, quebrando o protocolo:

Eu te saúdo , querido Amigo, dileto Compadre e estimado Irmão. A festa é tua, Arlindo.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura